

# FELICIDADE NAS ORGANIZAÇÕES

Há duas visões distintas sobre o significado de felicidade. Na primeira, ser feliz equivale a um estado subjetivo, avaliado do ponto de vista do indivíduo. Na segunda, a felicidade depende de ações objetivas no mundo que privilegiem a excelência moral

---

POR MAURICIO C. SERAFIM

---





**Talvez uma das afirmações de maior consenso** seja a de que estamos sempre em busca da felicidade, independentemente de como a entendemos. Mas como podemos buscar ou desejar algo que não sabemos muito bem o que é? Certamente temos noções do que a compõe: paz de espírito, amar e ser amado, sucesso profissional, reconhecimento social, boas amizades, apenas para citar alguns componentes – mais importantes para alguns, menos para outros – do mosaico do que entendemos popularmente por felicidade.

Nos últimos anos, especialmente no universo acadêmico, com destaque para a Psicologia e Economia, foram publicadas várias obras que procuram delinear mais adequadamente o tema da felicidade, torná-la mais compreensível e, inclusive, mensurável, para que, de certa forma, se torne previsível. A tentativa de medir a felicidade ou decompô-la em variáveis quantitativas não é a única novidade desse campo de estudo em desenvolvimento.

**VISÕES DA FELICIDADE.** De acordo com Matthew Piantalo, em seu artigo “Happiness, virtue and tyranny”, publicado na *Philosophy Now* (n. 68, 2008), um fato inédito envolvido na concepção contemporânea de felicidade é a noção de “bem-estar subjetivo”, ou seja, a percepção da pessoa acerca do quanto ela está bem ou satisfeita com sua vida.

De acordo com essa abordagem, uma pessoa feliz é uma pessoa “psicologicamente” feliz, e os estudiosos desse campo procuram investigar que tipo de coisas, situações e escolhas podem propiciar esse estado. Adicionalmente, prossegue Piantalo, a tendência é que as pessoas sejam apenas relativamente felizes. Assim, a felicidade é entendida como subjetiva, relativa, confundindo-se com um tipo de estado mental e sentimental, e fortemente dependente do ambiente e contexto social.

Entretanto, alerta Piantalo, há outra abordagem, que descende dos antigos filósofos gregos. Nessa, a ênfase é no “bem-estar objetivo”, isto é, nos aspectos concretos para uma verda-

deira vida feliz. Essa abordagem interessa-se pela natureza de uma boa vida e, para isso, recomenda a dedicação ao desenvolvimento de virtudes ou excelências, de tal modo que a vida melhor e mais feliz corresponda à vida mais excelente.

Um exemplo dessa abordagem é o de Aristóteles. O autor grego identifica duas excelências no ser humano: a excelência intelectual e a excelência moral. A primeira é alcançada por meio da instrução, da aprendizagem, que, por sua vez, é exercitada pelo estudo e pela leitura. A segunda é produto do hábito, que se aperfeiçoa exclusivamente pela atividade. Podemos dizer que a moral é mais um “hábito do coração” do que um “hábito intelectual”, aproximando-se do que os gregos denominavam *philokalia*, ou “amizade pelas belas ações”.

Em decorrência, para que uma pessoa aja moralmente ela deve aprender por meio de sua própria ação moral: adquirimos a excelência moral pelo fato de a termos efetivamente praticado, tal como nas artes. Não é por meio de códigos escritos, métodos coercitivos, treinamentos de final de semana ou cursos que se adquire a excelência moral, mas na convivência com pessoas que ajam moralmente e incentivem as outras pessoas a agir da mesma maneira.

Aristóteles ainda enfatiza que a felicidade – tradução não satisfatória da palavra grega “*eudaimonia*” – não pode ser considerada um estado mental porque uma pessoa dormindo poderia estar em algum estado mental em particular, como um sonho agradável, e, por isso, ser considerada feliz, o que para o filósofo seria um absurdo. A felicidade, então, requer esforço de nossa parte e é mais bem entendida como uma atividade de desenvolvimento de nossas potencialidades, correspondendo, assim, ao aprimoramento pessoal das excelências moral e intelectual.

**SUBJETIVO E OBJETIVO.** Portanto, as duas abordagens da felicidade são diferentes. Piantalo salienta isso da seguinte forma: se alguém nos perguntar o quanto somos felizes, consideraremos que estamos sendo questionados sobre o

